

## KO SI EWE KO SI ORISA: Ejé Ewe não é clorofila

RUDINEI TELIER DE FREITAS<sup>1</sup>  
CLAUDIO BAPTISTA CARLE (orientador) <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rudinei.telier@gmail.com](mailto:rudinei.telier@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ecbcarle@gmail.com-mail](mailto:ecbcarle@gmail.com-mail)

### 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a “religiosidade afro-brasileira”, tem consistido na compreensão da relação dos ritos e mitos afro-brasileiros com as potências cósmicas com as quais se relacionam. Deslocados para diversas regiões do Brasil, estes povos africanos escravizados, perpetuaram formas envolvidas com a nova realidade física das regiões formando novos elementos em suas culturas sagradas. Essas culturas sempre repousaram suas essências na natureza e em todos os seus elementos.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger, no livro “A invenção das Tradições” (1984), propõem que muitas tradições que supostamente parecem antigas, foram na verdade, criadas recentemente e muitas vezes em resposta a uma nova situação ou a um momento de crise. Tomo como referência para a pesquisa, o Batuque do Rio Grande do Sul, das chamadas “etnias Yorubá”, mas em consideração primeira a autodenominação de cada casa e ao culto aos Orixás, em conformidade aos “Itãns” – histórias sagradas vinculadas aos mitos da cosmogonia Yorubá.

Correa (2006, conclusão) define o Batuque no Rio Grande do Sul como uma forma religiosa afro-brasileira, cujo ritual conserva com maior fidelidade a herança africana original. Sua base estrutural religiosa é Jêje-Nagô. Entretanto, teria assimilado elementos de outras origens. Articulando o conjunto de elementos que compõem o ritual há uma cosmovisão, por parte de seus filiados, a qual lhes determina um ethos característico.

Ao apresentar a categoria afro religioso Ejé EWE - sangue verde da matriz cosmogônica africana conhecida por Yorubá -, procuramos expor a forma como este elemento orgânico circula por diferentes contextos, sendo a ele atribuídos significados distintos, que vão além da utilização das ervas e plantas na elaboração de chás ou de banhos especiais, mas também como portador de Axé, que promove a manutenção da energia vital, individual e coletiva, incluindo aí os próprios Orixás.

O antigo provérbio Yorubá “KOSI EWE, KOSI ORISA” (Sem folha não há orixá), tornou-se uma fala comum entre sacerdotes e praticantes, mas de pouco conhecimento fora dos espaços sagrados, elo indissociável na sacralização Yorubá, para a compreensão da relação homem/orixá/natureza. A expansão imobiliária e o fim de espaços verdes acabaram limitando e restringindo a coleta de materiais importantes, estabelecendo desta forma, uma crise na perpetuação dos espaços sagrados de interação com as plantas e as folhas, obrigando Babalorixás e Ialorixás a desenvolverem métodos diferentes dos preconizados em seus fundamentos e a estabelecerem novas relações sociais fora dos “ilé”.

## 2. METODOLOGIA

Esse estudo que apresento, com base em um exercício descritivo auto etnográfico, visa desenvolver um estudo etnográfico, com uma abordagem qualitativa, junto aos Babalorixás e Ialorixás da matriz religiosa africana Yorubá do Batuque do RS, na cidade de Pelotas, para entender os métodos e as relações estabelecidas com as ervas, seu processo de "coleta" em seus rituais, em conformidade com o ensinamento oral (Yorubá), preconizado pelos antigos sacerdotes.

A observação e entrevistas sobre as práticas na obtenção das ervas ritualísticas, em conformidade com os fundamentos, os mitos e ritos, utilizados pela matriz africana Yorubá. A observação participante, apoiada por entrevistas informais e serão efetivadas nas casas religiosas de matrizes africanas Yorubá e com seus dirigentes.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos:

a) Identificação das casas cosmogônicas africanistas de matriz Yorubá, a partir de entrevistas e observações, também foram considerados a autodeclaração de suas raízes e matrizes, a partir dos Babalorixás e Ialorixás envolvidos pela etnografia;

b) estudo sobre a presença de ervateiros e/ou pessoas de fora do Ilê (casa de rituais), que fornecem ervas para as casas, com entrevistas, direta e semiestruturada, e observações para entender como se percebem na preparação e efetivação dos rituais das matrizes afro-brasileiras.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando utilizamos a expressão "matriz religiosa africanista", nessa pesquisa, estamos nos referindo as cosmogonias efetivas dos diversos povos. Os povos, apesar de sua diversidade, foram reunidos e classificados nas categorias eurocêntricas, ditas científicas, que não consideraram a forma como esses povos se autodenominavam.

Os antropólogos Reginaldo Prandi (2000) e Norton Correa (2006) escreveram que as tribos Sudanesas constituam-se dos povos que hoje correspondem às regiões do Sul do Egito, Chade, Sudão, Etiópia, Uganda, Nigéria, Camarões, Gana, Togo, Benin e do Quênia até o norte da Tanzânia, e chegaram ao Brasil em meados do século XVIII até a metade do século XIX, conhecidos como Yorubás.

O antropólogo cubano Sphan Palmier (2007) e o antropólogo estadunidense Lorand Matory (1999), ao realizarem seus estudos sobre os denominados povos Ioruba, constataram em suas pesquisas, que o termo Yorubá, é uma expressão de origem Muçulmana. Eles afirmam que nunca existiu na África um povo chamado Yorubá. Segundo os antropólogos, é uma narrativa burguesa africana, de forte formação inglesa, de cunho ideológico nacionalista, que no Brasil ganhou notação pelos acadêmicos e elites. Na pesquisa, por falta de outra indicação e pela popularidade do termo, adoto a definição Yorubá, quando me refiro aos povos que aqui chegaram, conforme Prandi (2000) e Correa (2006), e que tinham os mesmos elementos simbólicos e sagrados, utilizados por culturas diferentes, que cultuam os Orixás e os mitos da criação atribuída aos ditos Yorubás.

As várias etnias foram se instrumentalizando com as materialidades do Novo Mundo reapresentando novas formas para elementos sagrados, no sentido de perpetuar no tempo sua cosmovisão (Correa, 2006; Prandi, 2000). Segundo esses autores, o Candomblé na Bahia, o Tambor de Minas na região sudeste do Brasil (Tambor de Crioula) e o Batuque no Rio Grande do Sul, constituem práticas sacralizadas das matrizes africanas - Yorubá, Bantu e Fon - trazidas pelos diversos povos africanos para o Brasil, apresentadas de forma diversa e regionalizada no país. Contudo, apesar das diferenças, na formatação de suas práticas sacralizadas, cada matriz manteve seus elementos característicos fundadores (Orixás, Inkisis, Voduns), reconhecido no grupo ao qual foram incluídos pelo pensamento etnocêntrico.

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, em sua tese de doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, titulada “A Máquina do Mundo Variações sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros”, 2012, escreve que Roger Bastide, em sua obra “As Religiões Africanas no Brasil”, no capítulo em que trata da geografia dessas cosmogonias, observa que as “religiões africanas” eram, no estado do Rio Grande do Sul, denominadas de “Batuque” e já existia no Império brasileiro (iniciado em 1822).

Nesse estudo, em uma análise de territorialidade e de identidade, que visam preservar e valorizar a identidade simbólico-cultural de certo lugar e de certos grupos, devemos compreender o espaço dimensionado sagrado diante da expansão imobiliária e da construção de espaços públicos. O território formado pela apropriação do espaço físico de um lado, e de outro, a construção do espaço econômico e social no processo de desenvolvimento de costumes, comportamentos, arte e cultura.

Ao observarmos os mecanismos desenvolvidos para a obtenção do elemento verde, foram analisadas as formas pelas quais os praticantes Yorubá modificam o ambiente que os cerca. A partir de uma abordagem geográfica, examinou-se como os espaços utilizados no terreiro representam uma transformação do espaço geográfico com finalidade religiosa. Essa dinâmica não se limita ao âmbito privado, mas se estende também ao espaço público, uma vez que o batuqueiro reverencia a natureza e necessita de áreas públicas, como ruas, matas e praias, para a realização de diversos rituais. A descrição dessas práticas rituais torna possível compreender a concepção do espaço segundo a perspectiva do batuqueiro, destacando suas particularidades em relação ao olhar de quem é leigo no Batuque. Não é apenas uma área, mas também as relações sociais, políticas e culturais que ocorrem neste espaço, e no qual possibilitam criar identidade, vínculo e pertencimento ao lugar.

#### 4. CONCLUSÕES

Durante nossas visitas aos ilês, na cidade de Pelotas, observando os mecanismos utilizados, para a obtenção das folhas, constatamos que raro são as casas, que acabam estabelecendo novas relações envolvendo pessoas, muitas vezes, de fora da matriz africana - no caso dos ervateiros, vizinhos - ou mesmo com outras casas. O aproveitamento de espaços no terreno dos ilês, para pequenos jardins com as ervas consideradas essenciais, garantem o fornecimento das folhas. Na maioria das vezes, são adquiridas as ervas, somente para banhos e abôs específicos em locais de forma comercial.

As condições atuais tornam os ervateiros e mateiros impermeáveis ao apelo de uma vinculação às casas de santo, pois, segundo eles próprios dizem, isso lhes acarretaria prejuízos materiais, impedindo-os de vender mercadorias e prestar serviços a um mercado mais amplo.

Para alguns dos sacerdotes ouvidos, esta inserção no modelo econômico da sociedade abrangente não modificou os quadros da organização social nos terreiros, pois, os conhecimentos à respeito das espécies vegetais e seu uso iniciático, permanecem no interior das comunidades de terreiro, e fora delas, de forma não iniciática. O uso dos nomes populares são usados, durante a compra das ervas, e o seu uso não é exposto ao comerciante. Para os sacerdotes, a compra, que se dá no mesmo molde da compra dos animais a serem sacralizados, não interferem na reprodução simbólica, que será recriada durante o ritual. O plantio e o cultivo das ervas, feitos pelos ervateiros, constituem uma forma ancestral de conhecimento. Ao recriarem os mitos da floresta simbólica, durante os rituais das folhas, Ossanhã, o orixá das folhas, se fará presente. A “colheita” simbólica, estará sendo efetuada.

Dessa maneira, encontram-se mantidas as categorias imanentes a essa visão de mundo dentro dos ilês, segundo os seus fundamentos, para uso iniciático, já que os mateiros e ervateiros não compartilham dessa mesma cosmovisão.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues A máquina do mundo: variações sobre o politeísmo em coletivos afro-brasileiros / Edgar Rodrigues Barbosa Neto. Rio de Janeiro, PPGAS – MN/UFRJ, 2012.
- BARROS, José Flávio Pessoa. A Floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas - RJ - Palhas - 2011
- CORREA, Norton Figueiredo. O Batuque do Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-rio-grandense. 2. ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2006.
- HOBSBAWM, Eric & Ranger, Terence - A invenção das tradições. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984
- MATORY, J. Lorand. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. Horizontes Antropológicos, ano 4, n. 9, p. 263-292. Porto Alegre, 1998.
- PALMIÉ, Stephan. O trabalho cultural da globalização Yorubá. Religião e Sociedade, v. 27, n. 1- Rio de Janeiro, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.